

**SIMAS, Luiz Antonio. Umbandas: uma história do Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021, 188p.

Verônica Inaciola Costa Farias da Cruz\*

Luiz Antonio Simas é mestre em História Social pela UFRJ, professor do ensino médio, escritor e Babalaô no culto de Ifá, tem diversos livros publicados sobre as escolas de samba do Rio de Janeiro e suas comunidades. Recebeu o Prêmio Jabuti, em parceria com Nei Lopes, com a obra *Dicionário da história social do samba*. Pesquisador das culturas e religiões de matriz africana, publicou pela Civilização Brasileira, *O corpo encantado das ruas*.

Dentro da pluralidade cultural em que a umbanda se formou, adquirindo uma identidade diversa na forma de expressar os seus rituais, o autor coloca o vocábulo que denomina essa religião no plural, justamente pela heterogeneidade que essa religião apresenta nas formas dos seus cultos, nos diferentes espaços geográficos em que ocorrem, não a caracterizando apenas pelas influências dos contatos que se deu com as crenças das diferentes culturas a partir da colonização. Ele deixa claro que não se trata de uma síntese da formação histórica e social do Brasil, mas um de seus aspectos. Não despreza as tensões e os conflitos existentes nesses contatos, destacando o fortalecimento das identidades indígenas e africanas que subverteram a ordem hegemônica para resistirem nos seus sagrados, originando essa maneira sincrética de crer do povo brasileiro, onde as encantarias e as curas promovidas pelos espíritos dos caboclos e dos

---

Resenha submetida em 28 de junho de 2023 e aprovada em 3 de setembro de 2024.

\* Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestra em Ciência da Arte pela UFF- Universidade Federal Fluminense. Graduação em Pedagogia pela Associação Salgado de oliveira de Educação e Cultura. País de origem: Brasil. E-mail: veronica.inaciola@vintagecultura.com.br.

pretos velhos fazem parte desse imaginário. Porém, alerta para a questão das controvérsias que envolvem a fundação dessa umbanda no início do Século XX, principalmente a que lhe conferiu um certo status de “purificação” racial e uma certa preocupação com o apagamento das práticas afro-brasileiras. Ele não se furta em fazer a crítica à regulamentação dessa umbanda que serviu de instrumento para o Estado para que em comunhão com os intelectuais eugenistas promovessem o apagamento da herança africana na nossa construção cultural, o que pode ser percebido com a continuidade das perseguições às práticas das “macumbas” nos redutos afro-brasileiros.

Através de uma narrativa estruturada nos fatos históricos e nas contingências da construção de uma sociedade brasileira, o autor coloca em evidência os projetos políticos que buscavam a afirmação de uma identidade que excluía a dimensão do ecossistema de sabenças encantadas tão bem interpretadas pelo mundo afro-brasileiro. Sem a pretensão de tratar ritualisticamente da religião ou conceituar a umbanda, passando longe dessa intenção, pois o uso da palavra no plural que dá título à obra vai exprimir justamente o seu caráter diverso nas diferentes regiões do país, embora ele se refira às suas ocorrências na cidade do Rio de Janeiro, que é o seu lugar de fala. Vai pontuando com o rigor da plausibilidade inerente ao atento historiador, as contradições e os paradoxos, mas também as soluções e as belezas encontradas no percurso da umbanda enquanto religião brasileira, sem fugir ao debate e à crítica necessárias ao Estado-Nação, principalmente na década de 1930, quando o Estado Novo de Getúlio Vargas, com a chancela de alguns intelectuais que relacionavam o progresso com o embranquecimento da população, desenvolvendo assim um grande esforço para anular a matriz africana dessa religião e de toda sociedade, é claro.

A obra faz uma provocação sobre a importância de se promover um debate e uma reflexão que leve ao descortinamento do véu que encobre os projetos políticos que dissimularam as práticas racistas na construção econômica e social do país após a República, onde as crenças afro-brasileiras sofreram perseguições ou adequações, conforme estratégia conveniente do poder. Alerta para a urgência de uma reflexão de se repensar o Brasil, principalmente com a ameaça causada pela ascensão das diversas designações religiosas neopentecostais na

contemporaneidade que vem colaborando em demasia para a transformação do campo religioso brasileiro, sem nenhuma preocupação em expor publicamente as intolerâncias que demonizam as religiões de matrizes africanas, o que pode ser comprovado pelos fatos divulgados pela imprensa representativa do país a partir da década de 1980, com perseguições aos terreiros, tentando apagar uma memória construída por um percurso histórico, que não foi tão pacífico, mas que teve muitos dos seus conflitos resolvidos por um sincretismo que reelaborou o sagrado, trazendo sentido às novas formas de crer. Ele chama ainda a atenção para o agravamento destas perseguições nesta nova política de Estado, com as eleições de 2018, que não prioriza o Estado Laico, estimulando essas violências e intolerâncias, que reforça ainda mais o racismo estrutural.

Na primeira parte do livro descrita como poéticas do encantamento o autor se volta para as narrativas dos mitos que permeiam esse extenso repertório que se criou e se expandiu, onde santidades, calundus, pajelanças e catimbós, entre outras encantarias das cosmologias afro-indígenas que se espalharam no território brasileiro no século XIX, para o espanto dos jesuítas. Religiosidades que compunham um imaginário de curas através das forças da natureza, das folhas, da fumaça, dos minerais e dos animais usados para a purificação dos corpos e elevação espiritual, pois a dinâmica desses rituais buscava contemplar as esferas materiais e espirituais, onde o transe é necessário ao corpo que se liberta das opressões. Contextualiza muito bem essas práticas que originaram as chamadas macumbas tão perseguidas no século XX, que deu origem a umbanda, onde a cosmogonia banto se evidencia, como disse: “em uma pirâmide vital, entre o mundo visível e mundo invisível”.

A segunda parte já se encontra mais voltada para as questões políticas que se desenvolveram em torno das normatizações do culto da umbanda, principalmente na primeira metade do século XX. Sem excluir o poético das encantarias, vai desenhando as disputas que se estabeleceram no campo simbólico, onde a crítica ao mito de fundação da umbanda que exaltava a mestiçagem das três raças dava forma a uma nova identidade nacional, onde se fortalecia a ideia de uma hierarquização em que se depuraria dessas práticas os elementos indígenas e africanos que não compreendiam o modelo de civilização

eurocêntrico. Faz elocubrações sobre as lutas para a regulamentação da umbanda de Omolokô, que está mais voltada para os cultos aos orixás africanos, a ressurgência e aceitação dessa africanidade na umbanda.

Nessas reflexões críticas feitas em torno da construção da umbanda que se imbricou ao projeto de Estado, principalmente pelo Estado Novo de Getúlio Vargas que avançava na proposta da mestiçagem como solução para os “atrasos” advindos da barbárie promovida pelas crenças africanas, promoveu ainda mais a hierarquização e estimulou de certa maneira o racismo e as intolerâncias tão presentes no cotidiano dos afro-brasileiros. Essa ideia de embranquecimento racial ligada ao desenvolvimento da Nação, não só por parte dos governos, mas pelos intelectuais que abraçaram a eugenia, não conseguiu apagar um legado que resistiu até a diáspora sofrida pelos negros africanos escravizados que mantiveram suas crenças ancestrais.

Leitura preciosa, em que o autor pontua toda essa imbricação dos processos históricos, políticos e sociais da construção do Brasil em um processo análogo de uma religião, com o cuidado ético inerente aos fatos. Utiliza-se de uma linguagem poética para descortinar todo jogo do sistema em utilizar a umbanda para os seus projetos de dominação. Mas a umbanda resistiu e segue como religião, com suas matrizes africanas, indígenas, católicas, kardecistas e muito mais, nesse processo de reinvenção de um país que ainda precisa ser descoberto através das potencialidades de seu povo.